



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO E ECONOMIA
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

HUGO CRISTIANO DE FIGUEIRÔA SILVA

CAPITAL DE GIRO: uma ferramenta de apoio à gestão
financeira

CAMPINA GRANDE – PB
2012

HUGO CRISTIANO DE FIGUEIRÔA SILVA

CAPITAL DE GIRO: uma ferramenta de apoio à gestão
financeira

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do curso de
Bacharelado em Administração da
Universidade Estadual da Paraíba como
pré-requisito para obtenção do título de
Bacharel em Administração.**

**Área de Concentração: Administração
Financeira**

**Orientador: Profº Msc. João Rodrigues
dos Santos**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

S586c

Silva, Hugo Cristiano de Figueiroa.

Capital de giro: uma ferramenta de apoio à gestão financeira [manuscrito] /Hugo Cristiano de Figueiroa Silva. – 2012.

22f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2012.

“Orientação: Prof. Msc. João Rodrigues dos Santos , Departamento de Administração e Economia ”.

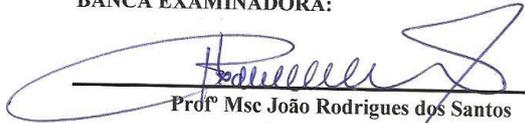
1. Capital de Giro. 2. Análise Financeira.
3. Administração de Recursos. I. Título.

21. ed. CDD 658.15

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado por Hugo Cristiano de Figueirôa Silva como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Administração, outorgado pela Universidade Estadual da Paraíba de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 20/06/2012.

BANCA EXAMINADORA:



Prof^o Msc João Rodrigues dos Santos

(Orientador)



Prof^o Msc Kaline Di Paes Nunes



Prof^o Msc Marcos Aurélio Bernardo de Lima

RESUMO

A análise financeira, decorrente dos avanços na metodologia de gestão, trouxe até o administrador financeiro ferramentas como o capital de giro para que fossem analisadas e utilizadas como instrumento de demonstração de resultados. A administração de capital de giro objetiva trabalhar com contas do ativo e passivo circulantes para analisar os indicadores financeiros da organização e, com isso, possibilitar resultados satisfatórios através de uma boa gestão de capital. Diante disso, a pesquisa bibliográfica utilizada neste trabalho serviu para demonstrar mais uma vez que o capital de giro é uma ferramenta utilizada na gestão financeira. Assim, utilizou-se o capital de giro como ferramenta de análise, possibilitando um estudo de visão geral no tocante a favorecer o desempenho da empresa por meio de utilização de recursos próprios, gestão de capital focada em resultados e análise financeira do atual cenário da empresa, além de obter nas contas caixa, contas a receber, contas a pagar e estoques, uma forma de reunir os subsídios necessários para possibilitar o avanço do empreendimento. Desta forma, a empresa que apresentar como resultado um capital de giro que atenda às suas necessidades, bem como um equilíbrio entre suas entradas e saídas, e que vise o lucro, poderá trabalhar com folga de orçamento e, com isso, fazer com que haja crescimento através de investimentos no lucro operacional, lucro após o imposto de renda e lucro líquido. Portanto o presente trabalho tem por objetivo realizar um levantamento bibliográfico sobre o assunto Capital de giro, a fim de explorar tal ferramenta da gestão financeira para mostrar sua necessidade no mercado de trabalho.

Palavras-chave: Capital de giro, Análise financeira, Administração de recursos.

ABSTRACT

The financial analysis, due to advances in methodology, administration, brought to the financial manager tools with the floating capital for them to be analyzed and used as an instrument of the income statement. The administration of floating capital aims to work with accounts of assets and liabilities to analyze the financial indicators of the organization and, thus, enabling satisfactory results through good management of capital. Therefore, the bibliography search used in this study served to demonstrate once again that working capital is an important tool for sound financial management. Thus, was used the floating capital as a tool for analysis, providing a study overview with regard to promoting the company's performance through the use of own resources, capital management focused on results and financial analysis of the current scenario of the company in addition to getting the accounts inventory, accounts receivable, accounts payable and cash register, a way of bringing the necessary support to enable the advancement of the enterprise. Thus, the company that to submit resulted in a floating capital that meets your needs, as a balance between inputs and outputs, and that have for consequence a real profit, they can work with loose budget and, therefore, allowing the growth in earnings through investments. Therefore this study aims to conduct a literature review on the subject working capital in order to exploit this tool to show their financial management needs in the labor market.

Keywords: Financial Analysis, Resource Management, Floating Capital.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	5
2. IMPORTÂNCIA DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA	6
3. CAPITAL DE GIRO	7
4. REFERENCIAL TEÓRICO	9
4.1. FLUXO DE CAIXA	12
4.2. CONTAS A RECEBER.....	13
4.3. CONTAS A PAGAR	14
4.4. ESTOQUES	16
5. METODOLOGIA.....	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

1. INTRODUÇÃO

Independente do porte econômico, as empresas possuem ferramentas que servem para medir seu potencial no mercado de trabalho através da análise de dados. Com isso, se torna importante uma atenção necessária daqueles que estão à frente de toda e qualquer organização que vise obter lucro e aumentar suas vendas de forma eficaz para que se atinja o sucesso. Assim, cabe ao gestor saber reunir esses dados para ter o aporte necessário para a tomada de decisões e não obstante, o aumento de desempenho das táticas e tarefas executadas na empresa para tal crescimento.

Para isso, o uso e exploração de algumas técnicas se faz importante para que a ferramenta certa seja trabalhada junto aos colaboradores da empresa e, com isso, o rumo correto seja dado à organização. Haja visto que esse ponto é um divisor de águas por conter dois caminhos que, na tomada de decisão, se tornará primordial para ter como consequência o sucesso ou fracasso da empresa. A utilização da ferramenta de análise do capital de giro irá mostrar aos dirigentes, gestores e colaboradores qual rumo sua empresa está tomando. Isso porque é através desse meio de análise que as finanças irão mostrar se estão caminhando para o sucesso ou não.

Devido a isso, salienta-se aqui que a reunião de informações para se levantar os dados que mostrarão a situação financeira da empresa terão que ser analisados por pessoas capacitadas para tal e que estejam aptas a tomar as decisões corretas.

Portanto o presente trabalho tem por objetivo fazer um levantamento bibliográfico do assunto capital de giro como ferramenta de apoio à gestão financeira, capaz de despertar o leitor quanto à necessidade de dimensioná-lo no âmbito de sua empresa.

Buscou-se apresentar o assunto da melhor forma possível, oferecendo ao pesquisador uma leitura fácil, dinâmica e objetiva para que os dados aqui contidos possam auxiliar em pesquisas e estudos futuros. A metodologia utilizada foi a análise de conteúdo, caracterizando-se por fontes primárias e secundárias. Estas sendo coletadas por meio de livros e apostilas e aquelas através de outros artigos e registros bibliográficos.

2. IMPORTÂNCIA DA ADMINISTRAÇÃO FINANCEIRA

Segundo Weston e Brigham (2004, p.8), “a tarefa do gerente financeiro é adquirir e usar fundos de forma que maximize o valor da empresa”. Apesar de algumas empresas não ofertarem o valor necessário para tal setor, a área de administração financeira merece destaque por desenvolver atividades específicas que irão alavancar as projeções da organização. Fatores como previsão e planejamento, decisões no tocante a investimento e financiamento, coordenação e controle e realização de transações financeiras, são atividades executadas pelo setor financeiro junto à empresa para que o futuro seja analisado e, assim, a melhor decisão seja tomada.

Para isso, remete-se ao ponto que leva toda e qualquer organização ao patamar de empresa desenvolvida e sólida: o planejamento estratégico financeiro. Tal planejamento se dá através da coleta de dados para se levantar as informações necessárias e, com isso, inserir a empresa em uma ótica financeira de sucesso. Sucesso este que terá como consequência a obtenção de lucro por meio de um gerenciamento financeiro de qualidade, visando sempre o bom funcionamento do setor para gerar recursos que irão maximizar os valores da empresa e, aliado a isso, o bem-estar dos colaboradores e clientes potenciais.

Assim sendo, o gestor financeiro tem que saber desempenhar bem sua função, fazendo com que sua responsabilidade em administrar o fluxo de caixa, as operações com títulos para arrecadar capital a curto prazo e a quitação de débitos perante seus fornecedores, possam objetivar o seu plano de negócios.

Embora não menos importante e já inserido neste contexto, o índice de liquidez da empresa irá mostrar o poder que a mesma tem em atender às suas obrigações por meio da conversão de ativos em valores reais. Se a empresa não apresentar o índice de liquidez ou mesmo se ele for baixo, caberá ao gestor financeiro desenvolver técnicas que irão suprir a carência desta ferramenta e oferecer à empresa uma base de sustentação financeira para pagar suas contas.

Em sua definição de índice de liquidez, Weston e Brigham (2004, p.51) dizem que “são índices que mostram a relação entre o caixa e outros ativos circulantes em comparação ao seu passivo circulante”.

Esta definição ajudará o administrador a ter uma visão do que seria a ferramenta de captação de recursos através de uma conta do ativo que proporcione rapidez de transformação.

Por fim, o papel do gestor financeiro terá que ser focado em políticas administrativas que captem recursos para suprir sua liquidez corrente ou com uma atuante prática de fluxo de caixa para gerenciar seus estoques e demais contas, fazendo do coração financeiro da empresa um setor que levará sempre a organização a lucros maiores e projeções antes previstas em um eficaz planejamento estratégico financeiro. Basta que as ferramentas financeiras sejam utilizadas com propósitos de crescimento para empresa e colaboradores, ajudando também o desenvolvimento de seus clientes através de uma análise financeira atuante.

3. CAPITAL DE GIRO

Quando se fala em capital de giro, remete-se ao subsídio necessário que qualquer empresa tem que possuir para fazer com que ocorra a movimentação financeira normal e que, assim, se cumpra com os acordos outrora firmados no tocante a honrar os compromissos financeiros e quitar suas dívidas perante fornecedores, colaboradores e demais organizações que forneçam algum tipo de prestação de serviço e/ou produto à referida empresa. Chiavenato (2005, p.223) identifica capital de giro como:

“[...] a quantidade de dinheiro que a empresa utiliza para movimentar seus negócios. Envolve estoques, dinheiro em caixa e em bancos, financiamentos a clientes por meio de contas a receber, salários e encargos, aluguel, contas de luz, água, telefone etc.”

Como consequência, observa-se que para se conduzir as operações normais da organização com sua correta utilização de recursos, é necessário que a quantidade aplicada supra a demanda. Ou seja, o dinheiro utilizado tem que corresponder às movimentações financeiras do empreendimento.

O Capital Circulante, que tem também outras denominações como Capital de Giro e Ativo Circulante, representa o valor dos recursos aplicados pela empresa para movimentar seu Ciclo Operacional, que compreende o período de tempo que vai desde a entrada da matéria-prima no estoque da empresa até a venda dos produtos elaborados e respectivo recebimento. (LEMES JÚNIOR;RIGO;CHEROBIM, 2005, p. 329)

Ross, Westerfield e Jordan (1998, p.39) salientam mais um importante assunto, afirmando:

O capital de giro líquido é positivo quando os ativos circulantes são maiores do que as exigibilidades circulantes. Com base na definição de ativo e exigível circulante, isto significa que o dinheiro que se tornará disponível dentro dos próximos 12 meses superará o dinheiro que deverá ser pago no mesmo período. Por este motivo, o capital de giro líquido é normalmente positivo, numa empresa financeiramente saudável.

Gitman (2001, p.459) diz que “os ativos circulantes, comumente chamados de capital de giro ou capital circulante, representam a porção de investimento que circula de uma forma para a outra na condução normal dos negócios”.

Há uma via de mão dupla no que se refere à necessidade de capital de giro. O capital da empresa poderá sofrer oscilações para mais ou para menos através dos fatores que venham a ocorrer em determinados períodos. Assim, Chiavenato (2005, p.223) cita que o aumento ocorre devido a:

- ✓ Vendas com prazos longos de pagamento;
- ✓ Cobrança ineficiente dos clientes em atraso;
- ✓ Compras à vista;
- ✓ Prazos menores para pagamento de fornecedores;
- ✓ Investimento elevado em estoques;
- ✓ Giro lento dos estoques;
- ✓ Compra de ativos não operacionais;
- ✓ Retiradas excessivas.

E o mesmo autor ainda salienta que o capital de giro exige diminuição se apresentar fatores como:

- ✓ Vendas à vista;
- ✓ Cobrança eficiente dos clientes;
- ✓ Reinvestimento dos lucros;
- ✓ Prazos longos para pagamento de fornecedores;
- ✓ Maior lucratividade do negócio;
- ✓ Giro mais rápido dos estoques;
- ✓ Venda de ativos desnecessários ao negócio;
- ✓ Aumento de capital com recursos próprios.

Tal dimensionamento exigirá a análise técnica de um bom gestor financeiro, devido ao uso de ferramentas que buscam uma administração de recursos de capital por meio de conhecimento tanto prático quanto teórico. Caberá também à empresa financiar e oferecer o aporte necessário para que o fluxo de produção seja estabelecido de forma a tornar o processo fabril contínuo e, portanto, gerar um processo que tem na administração financeira uma fonte de recursos para gerenciar seu capital de giro.

4. REFERENCIAL TEÓRICO

Santos (2001, p.22) cita que “os recursos materiais de renovação rápida são denominados por capital de giro”. Assim, a rotatividade irá mostrar o potencial da empresa. Ou seja, se a empresa apresenta um fluxo grande de compra de matéria-prima, fabricação, venda e recebimento, terá em seu ciclo a grande movimentação de capital também.

Então, se essa rotatividade é mais acelerada e contínua, afirma-se que esta empresa tem um grande potencial no seu mercado de atuação. Contudo, esse capital de giro tem que ser utilizado para suprir as necessidades que venham a existir para que o bom funcionamento da empresa não seja comprometido.

Autores como Assaf Neto (2007, p.86), afirma que “numa situação ideal, em que uma empresa tem um controle total sobre sua liquidez, seu saldo de caixa seria zero. Mas isso seria quase que impossível, pois as oscilações e circunstâncias são das mais adversas”. Portanto, a gestão dos recursos beneficiará a baixa estocagem de produtos para que não haja custos desnecessários para mantê-los. Isso se caracteriza como uma administração que engloba a conta caixa e a conta estoque como estando aliada ao capital de giro para obtenção de resultados positivos para a empresa.

A busca pelo equilíbrio financeiro da organização insere-se no assunto de capital de giro, já que exige que a tomada de decisões garanta a sustentabilidade da empresa. Ao se dá a preferência a investimentos de curto prazo, a rotatividade será maior e o estoque apresentará uma medida inversamente proporcional, ou seja, menor.

Assim, pode-se afirmar que a vitalidade da organização depende de como seu fluxo de caixa está se portando perante as obrigações. Sua movimentação financeira está

ligada diretamente com o funcionamento do fluxo de caixa, que depende também do controle e análise dos demais recursos financeiros da empresa.

Para Assaf Neto (2003, p. 36), “a administração do capital de giro engloba decisões de compra e venda, e também as mais diversas atividades operacionais e financeiras de uma empresa”.

Vê-se que o financeiro é o setor que gera o aporte necessário para que a empresa possa se desenvolver e crescer. Apesar de tudo isso, algumas empresas não conseguem enxergar a real ideia e importância que o assunto requer. Isso ocorre porque o capital que gira nela nem sempre é considerado como lucro. Daí busca-se os insumos e informações vitais para fazer da administração de recursos, uma forma de saber separar o que entra e o que sai e, com isso, fornecer o que a empresa precisa, mas sem prejudicar seu fluxo de caixa nem comprometer sua existência.

Assaf Neto (2007, p.13) ainda defende que “uma administração inadequada do capital de giro resulta normalmente em sérios problemas financeiros, contribuindo efetivamente para a formação de uma situação de insolvência”. Situação essa que acomete grande parte das empresas que, em sua maioria, são empresas novas e que não possuem à sua frente um administrador capacitado para desenvolver as atividades financeiras e comerciais essenciais. Sem o gerenciamento destas informações básicas, a contabilidade da empresa estará comprometida, bem como sua avaliação de desempenho e crescimento.

Na acirrada competição do atual mercado, há a necessidade de se buscar o novo para que a empresa se destaque frente à concorrência. Por isso, uma boa gestão de capital de giro que tem por base a análise financeira de seu fluxo de caixa, estoques e duplicatas a pagar e a receber, merece atenção porque sairá na frente de sua concorrência. Isso se dá devido aos dados que serão colhidos para que, com as devidas informações, a empresa saiba fazer uma administração de resultados positivos e sucesso certo.

Sendo assim, estudos realizados pelo SEBRAE trazem a informação de que “as empresas de pequeno porte no Brasil estão fechando devido às falhas gerenciais na condução dos negócios”. Daí, o investimento no desenvolvimento e utilização de tais informações servirão como ferramentas vitais para a empresa que busca crescimento e

lucro. Utilizando-se da análise financeira de capital de giro através das contas duplicatas a receber, a pagar e estoques, o estudo oferecerá os dados necessários para tal análise, a fim de exemplificar a importância de se conhecer as devidas contas para o funcionamento normal da organização.

Segundo Assaf Neto (2007, p.39), “o fluxo de caixa é um instrumento que relaciona os ingressos e saídas (desembolso) de recursos monetários no âmbito de uma empresa em determinado intervalo de tempo”. Assim, as incertezas da atividade empresarial, fazem do capital de giro uma ferramenta para enfrentar possíveis problemas que venham a ocorrer.

Problemas estes que Santos (2001, p.30) cita, por exemplo, como: “sazonalidade das vendas, ciclo operacional longo e insuficiência de capital de giro”. No tocante à sazonalidade das vendas, é mister daquele que gerencia a empresa que avalie e analise sua rotatividade de produto para que atenda a demanda em épocas de maior fluxo, como também no período em que as vendas estejam abaixo da média. Neste último, cabe ao gestor utilizar-se de reservas de liquidez alta ou aplicações financeiras que se tornem capital para honrar compromissos e, assim, dá continuidade à produção. O ciclo operacional longo irá fazer com que o capital de giro movimente-se em um tempo mais lento, o que dificultará o retorno de capital e, como consequência, o lucro da empresa.

Segmentos como o de construção civil e naval podem exemplificar muito bem o que seria o ciclo operacional longo. Haja visto que estes segmentos necessitam de prazo para produção e que, não menos importante, capital para subsidiar o desenvolvimento da fabricação e viabilizar a mão de obra através do pagamento de salários. Ressalta-se ainda que, em muitos casos, ao término do serviço, o capital recebido já tem quase que sido pago por completo, restando à empresa entregar o produto com o preço, prazo e qualidade acordados no contrato inicial.

A insuficiência de capital ocorre devido a alguns fatores presentes no âmbito comercial. Fatores estes que podem ser exemplificados como: redução de vendas, aumento da inadimplência dos clientes, elevados custos sem prévio conhecimento, aumento das despesas financeiras para tal fabricação e, tudo isso se dá, por oscilações de mercado ou má administração de recursos financeiros. Isso porque não oferecerá o apoio financeiro necessário para que a produção não seja interrompida.

Com isso, caracteriza-se uma forma de se estudar, analisar e prevê incertezas no mercado, aplicando as melhores alternativas, alicerçado a um bom planejamento de gestão.

Utilizando-se da ideia de Santos (2001, p.36), “um dos componentes mais expressivos do capital de giro de uma empresa são as contas a receber provenientes de suas vendas a prazo”. Portanto, estas contas têm que está sendo honradas nos prazos determinados, para que a empresa credora possa ter seu ciclo de capital estabelecido, caracterizando o crédito comercial.

O fluxo de caixa é um instrumento gerencial que controla e informa todas as movimentações financeiras (entradas e saídas de valores) de um dado período, pode ser diário, semanal, mensal, etc., é o composto dos dados obtidos dos controles de contas a pagar, contas a receber, de vendas, de despesas, de saldos de aplicações, e de todos os demais elementos que representem as movimentações de recursos financeiros da empresa. (SEBRAE, 2012)

Assim, pode-se afirmar que a vitalidade da organização depende de como seu fluxo de caixa está se portando perante as obrigações. Sua movimentação financeira está ligada diretamente com o funcionamento do fluxo de caixa, que depende também do controle e análise dos demais recursos financeiros da empresa.

4.1. FLUXO DE CAIXA

Para que haja um bom gerenciamento das informações ligadas ao capital da empresa, a avaliação e o estudo do fluxo de caixa são ferramentas fundamentais para a organização desenvolver técnicas de administração. O que seria de uma empresa que objetiva o lucro se não fosse o bom fluxo de caixa que ofereça um saldo positivo em todas as suas operações, para que assim seu capital seja aumentado.

Esse crescimento irá gerar aumento de produção devido ao maior número de clientes *versus* vendas e, com isso, rotatividade acelerada de compra de matéria-prima e venda de produtos acabados ou transformados.

O fluxo de caixa é um instrumento de planejamento financeiro que tem por objetivo fornecer estimativas da situação de caixa da empresa em determinado período de tempo à frente. [...] é o instrumento capaz de traduzir em valores e datas os diversos dados gerados pelos sistemas de informação da empresa. (SANTOS, 2001, p.57)

A conta Caixa merece atenção ao se falar em fluxo de caixa, já que estão ligadas diretamente ao movimento financeiro da empresa. Daí, conclui-se que a conta Caixa nada mais é do que aquela que serve para indicar o que a empresa possui de disponível em determinado momento e que, imediatamente, poderá utilizar para realizar transações financeiras de quitação de débitos dentre outras operações. Contudo afirma Silva (2010, p. 97):

A conta caixa compreende o numerário (dinheiro) existente na empresa na data do encerramento do balanço. [...] o caixa é o valor mais líquido existente na empresa, representando dinheiro em espécie ou cheques recebidos de clientes que serão depositados para crédito em conta-corrente.

Assim sendo, os numerários da organização terão que apresentar fluidez e crescimento para indicarem que a gestão exercida por seus colaboradores está sendo realizada de forma correta e eficiente.

Para isso, Hoji (2008, p. 141) ressalta que “a apuração correta do fluxo de caixa por unidade de negócios traz vantagens significativas na avaliação do desempenho empresarial, pois é possível avaliar o retorno sobre o investimento de forma adequada”.

Embora existam empresas que não desenvolvam um trabalho mais específico em relação a esta conta, deve-se existir uma boa administração de capital de giro com um fluxo de caixa contínuo e proporcional às suas obrigações, devendo este honrar com os compromissos e apresentar lucro para a organização.

4.2. CONTAS A RECEBER

As Contas a Receber representam mais uma ferramenta onde as empresas utilizam como acesso a novos mercados de atuação. Isso porque esta modalidade irá abrir espaço para os mais variados tipos de clientes, com seus poderes aquisitivos variados e suas áreas de comércio expandidas. Outra forma de se utilizar tal modalidade se dá ao fato do cliente poder testar o produto antes de pagar e, assim, saber se o mesmo está de acordo com suas exigências. Sem contar com o volume médio de rotatividade de mercadoria e capital no âmbito comercial, o que favorecerá o fluxo de caixa.

Como afirma Assaf Neto (2007), “em alguns setores, é praxe vender a crédito; em outros não”. Financeiramente, a venda a prazo deve ser focada como um investimento a ser realizado pelo vendedor, com determinado nível de liquidez, risco, rentabilidade e dado volume de investimento.

Algumas empresas adotam a política de oferecer descontos nas suas contas a receber para que influenciem um giro maior de capital e, assim, possam movimentar suas finanças através da antecipação de tal crédito.

A empresa que possui contas a receber, certamente irá driblar problemas provenientes de insuficiência de capital de giro, devido ao constante comércio de vendas para com seus clientes. Ou seja, mesmo que a empresa não apresente grau de fabricação elevado em certo período, provavelmente ela estará recebendo o pagamento do que outrora foi comercializado e que gera, naquele instante, um capital para superar tal fase.

Uma duplicata, um cheque pré-datado ou mesmo um parcelamento via promissória, farão com que a organização obtenha subsídios financeiros para se manter no mercado, atender futuros pedidos e, portanto, dá continuidade ao seu processo fabril.

4.3. CONTAS A PAGAR

A utilização de peças e/ou serviço que não sejam oferecidos pela própria empresa, mas que sejam necessários para fabricação de seus produtos, faz surgir a carência de ir buscar com outros fornecedores esse item. Isso irá gerar um pedido para suprir a demanda da organização e, assim, ser dada continuidade à fabricação dos bens.

Para firmar tal entendimento, Silva (2010, p. 105) explica que “a conta de fornecedores representa as compras a prazo efetuadas pela empresa”. Tais compras compreendem as mercadorias, as matérias-primas, os componentes utilizados na produção e outros materiais de consumo. Portanto, o nicho de fornecedores dependerá de quão necessário será a utilização daqueles tipos de produtos para se fabricar estes.

Produtos que necessitem de maior quantidade de peças para sua fabricação exigirão um rol de fornecedores maior e mais variado. Consequentemente, a utilização

da tecnologia nos dias atuais faz com que os processos se tornem mais avançados, apresentando custos menores e uma renovação de práticas eficazes constantes.

O principal motivo de desembolso ou saída de capital em uma conta caixa é o pagamento a fornecedores, ou contas a pagar. Para isso, o planejamento prévio através do conhecimento de projeção de futuros lançamentos facilitará ao administrador financeiro que a utilização de tais recursos sejam destinados para se estabelecer o cronograma de contas a pagar.

Sendo elas cumpridas no prazo determinado, a empresa irá ter seu nome fortalecido e, posteriormente, poderá negociar melhores prazos e preços, fazendo da negociação um ato de compromisso firmado e garantia de longa transação financeira.

Na ferramenta de contas a pagar, ocorre o inverso para a empresa credora no que ocorre na ferramenta contas a receber. Isso porque nesta haverá uma concessão de desconto na antecipação de pagamento e naquela existirá o acréscimo de juros, provenientes do período locado entre a entrega da mercadoria e a data prevista para quitação do pedido. Essa taxa de juros irá variar de acordo com produto, preço, praça, prazo, modalidade etc.

Embora haja a existência de inadimplência nos mais variados setores, ocorrem aí que os juros calculados para as vendas a prazo terão incluídos as margens de atraso dos demais clientes, fazendo disso uma ferramenta que apresenta margem de custo elevado.

Traduzindo, um bom cliente sofrerá com um valor de juros mais elevado por causa de um mau cliente que não honra seu compromisso. É o que ocorre em instituições como bancos, lojas etc.

Como consequência, a ferramenta de contas a receber tem que está atualizada para com o comércio de forma geral, pois as mais variadas taxas de juros para isso é o que rege tais transações financeiras.

As contas a pagar são compromissos assumidos pela empresa, representadas por compra de mercadorias, insumos para produção, máquinas, serviços, salários, impostos, aluguel, empréstimos, contribuições, entre outros. O controle das contas a pagar deve ser uma tarefa de rotina da empresa, pois normalmente se envolve grande quantidade de dinheiro. (SEBRAE, 2012)

Verifica-se que o controle tem que ser diário, pois as datas de vencimento dos compromissos podem variar de acordo com a sazonalidade, demanda, procura dentre

outros. Caso não haja o controle diário de tal ferramenta, poderá a empresa deixar que passe despercebido alguma duplicata e, com isso, ter que pagar juros por não ter quitado a fatura do fornecedor na data prevista.

Isso acarretará em possíveis transtornos para ambas as partes, já que uma irá ter seu fluxo de caixa comprometido por não ter havido o crédito no prazo determinado, enquanto que a outra poderá ter seu nome negativado junto ao comércio, chegando a perder o vínculo comercial para com a empresa devedora, além de pagar um maior valor por intermédio de juros.

4.4. ESTOQUES

A conta Estoque traz informações que irão ajudar o gestor da empresa a tomar decisões referentes ao que o mesmo possui para que seja transformado em capital e, com isso, fazer girar a movimentação de dinheiro na empresa e diminuir e/ou zerar o custo em se manter estoques.

Dependendo do setor que a empresa exerça atividade, haverá sim uma quantidade de estoque. Essa quantidade pode variar de acordo com o tipo de produto fabricado, o valor em se estocar, o período (sazonalidade) ou até mesmo a demanda que tal mercado exige.

Técnicas como *just in time* são contrárias à ideia de se possuir estoques, pois enquanto alguns defendem que o estoque existe para evitar a interrupção do fluxo de produção, outros acreditam que o custo gerado por eles não compensa. Em contra partida, a empresa que adota esse sistema precisa ter velocidade de entrega do produto final. Se a ótica utilizada para tal assunto for do setor agrícola, haverá informações mais que suficientes para provar que o estoque tem que existir, pois as safras irão proporcionar um acúmulo de produtos para posterior consumo. Já se for utilizada a visão de um estaleiro, ver-se-á que o estoque não é uma opção inteligente, visto que tal produto só é fabricado por meio de encomendas e contratos firmados entre empresa e cliente. Falando ainda sobre as técnicas de gerenciamento de estoques, fala-se através de Assaf Neto (2007, p.167), que “a indústria possui capacidade que é utilizada para fabricar diversos produtos. A partir de uma demanda constante, dada pelo mercado, deve-se decidir quanto de cada produto deve-se fabricar em cada bateria de produção”.

Cita-se também o processo de custo de interrupção que é aquele referente à mudança das máquinas para produção de um produto diferente, ou seja, de um novo lote. Tem-se aí um exemplo claro de que é necessário realizar um determinado cálculo que irá mostrar o resultado, segundo Assaf Neto (2007, p.168):

$$Q^* = \sqrt{\frac{2V C_i}{C_e [1 - (d/p)]}}$$

Onde:

Q*= quantidade que deve ser fabricada

V= volume anual de vendas

Ci= custo de interrupção

Ce= custo de estocagem

d= demanda do produto

p= capacidade de produção

Portanto, ao se aplicar a fórmula, obter-se-á como resultado a quantidade que deve ser fabricada para que a produção não tenha um custo de interrupção elevado, muito menos que venha a ocorrer a falta do produto no estoque. Mas é preciso ter atenção, pois a falta planejada poderá existir e representa uma ação que é utilizada quando o custo de estocagem é elevado ou quando sua falta não representa significativa perda nas vendas da empresa. Para isso haverá um produto que substitua à altura e que atenda a demanda do cliente. Para que isso ocorra, terá que se levar em conta alguns riscos como, por exemplo, custo de falta, perda de vendas e de clientes.

Analisando as vantagens de possuir estoques, deve-se compará-las com seus custos para decidir quanto deve ter de estoque e quando deve solicitar a reposição dos produtos que estão sendo vendidos ou consumidos no processo de produção. A decisão de quando e quanto comprar é uma das mais importantes a serem tomadas na gestão de estoques. (ASSAF NETO, 2007, p.160)

Um comércio que apresenta uma rotatividade de estocagem de produtos pode se diferenciar perante a concorrência por possuir sempre produtos novos, atendendo à demanda exigida pela sua clientela e com um custo de estocagem mínimo. Sendo assim, a necessidade da conta estoque irá depender do setor estudado, da época, do local, da distância em relação aos fornecedores e público alvo, do produto fabricado, dentre outros aspectos que só através de uma política de administração e logística é que irão colher as informações necessárias para o bom funcionamento da empresa.

5. METODOLOGIA

O presente estudo tem como metodologia o estudo bibliográfico do assunto Capital de giro, juntamente com as contas que fornecem as informações necessárias para uma gestão financeira eficiente. Através da utilização de artigos outrora publicados, pesquisas em bibliotecas e acessos à internet, o artigo aqui desenvolvido trouxe informações a mais sobre este assunto que é tão vasto quanto necessário no dia-a-dia das empresas.

As fontes pesquisadas ofereceram subsídios para a elaboração deste trabalho, como também este servirá para futuras pesquisas, aperfeiçoamento e aprofundamento em um futuro não muito distante, dando assim continuidade ao estudo do Capital de giro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem que este estudo vem trazer menciona mais uma vez que a análise e o planejamento prévio do capital de giro como ferramenta de apoio à gestão financeira não podem deixar de ser exploradas pelo gestor financeiro de todo e qualquer empreendimento. Isso porque o planejamento irá gerar informações importantes para que o processo de decisão seja embasado no controle de tais contas e, neste sentido, seja exercida uma administração de recursos financeiros que atenda às expectativas dos dirigentes da empresa e também de seus colaboradores e clientes.

Notadamente, o rol de informações que o assunto oferece é vasto e se adentra pelos mais variados autores, que trazem consigo ideias e opiniões que somadas, fazem da área financeira um conjunto de dados indispensáveis na administração das organizações.

Contudo, verifica-se que além da conta caixa, contas a pagar e a receber, estoques e o próprio capital de giro, outras ferramentas fazem com que a gestão obtenha o sucesso esperado ou superior. Apesar de oscilações do comércio, sazonalidade, demanda *versus* oferta e situação econômica do país, o capital intelectual ainda é um forte aliado na busca por resultados através de geração de valor para aquele que está no comando e que, por meio de sua visão empreendedora, saberá tomar a decisão certa, no momento certo, ao munir-se de dados que contenham o histórico atual de sua empresa.

Neste sentido, levou-se à conclusão que é vital para a organização que busca se manter no competitivo mercado, aprimorar e utilizar as técnicas disponíveis em seu comércio, através de uma gestão financeira que utiliza a análise de capital de giro como ferramenta principal.

O presente trabalho não teve a pretensão de esgotar o assunto, mas veio para somar e auxiliar outros que trarão consigo demais informações e sugestões para que o assunto de capital de giro nunca seja uma fonte finita, e sim, uma fonte inspiradora que aguace a mente e o pensamento daqueles que buscam respostas e técnicas para desenvolverem novos procedimentos. Procedimentos estes que auxiliem cada vez mais àqueles que necessitem de uma base aplicável para o mercado de trabalho e, sobretudo, que apresentem formas de se gerir com planejamento financeiro estratégico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSAF NETO, Alexandre. **Finanças Corporativas e Valor**. São Paulo: Atlas, 2003.

ASSAF NETO, Alexandre; SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Administração do Capital de Giro**. 3.ed. São Paulo, 2007

CHIAVENATO, Idalberto. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. São Paulo: Saraiva, 2005.

GITMAN, Lawrence J. **Princípios de administração financeira – essencial**; tradução Jorge Ritter. Porto Alegre: Bookman, 2001.

HOJI, Masakazu. **Administração Financeira e Orçamentária**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LEMES JÚNIOR, Antônio B.; RIGO, Cláudio Miessa; CHEROBIM, Ana Paula M. Szabo. **Administração Financeira: Princípios, Fundamentos e Práticas Brasileiras**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005 – 6ª reimpressão

ROSS, Stephen A.; WESTERFIELD, Randolph W.; JORDAN, Bradford D. **Princípios de Administração Financeira**; tradução Antonio Zoratto Sanvicente. São Paulo: Atlas, 1998.

SANTOS, Edno Oliveira dos. **Administração Financeira da Pequena e Média Empresa**. São Paulo: Atlas, 2001.

SEBRAE. Controles gerenciais- fluxo de caixa. Disponível em: <www.sebrae.com.br/uf/goias/para-minha-empresa>. Acesso em: 22 maio 2012.

SEBRAE. Controles gerenciais- contas a pagar. Disponível em: www.sebrae.com.br/uf/goias/para-minha-empresa. Acesso em: 28 maio 2012.

SILVA, José Pereira. **Análise Financeira das Empresas**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008

WESTON, J. Fred; BRIGHAM, Eugene F. **Fundamentos da Administração Financeira**. 10. ed; tradução Sidney Stancatti. São Paulo: Pearson Makron Books, 2000.